

## **Pela cooperação no concerto internacional, pela sobrevivência da humanidade**

A história regista períodos de competição bem como de cooperação entre estados, a emergência e desintegração de estados e impérios. A mobilidade de populações e a assimilação de culturas, a globalização de rotas e de relações comerciais, proporcionaram o desenho de um xadrez de redes e blocos, de cooperação uns, mas também de competição, outros.

Com a revolução industrial, os impérios coloniais, apoiados em mais poderosos meios científicos e técnicos, afirmaram o seu poder económico, comercial e militar por outros continentes.

A Grande Guerra 1914-18 reflectiu a competição entre estados europeus pela preservação e alargamento dos respectivos privilégios coloniais. A Grande Guerra 1939-45 prolongou essa competição latente e conduziu à emergência de um polo norte-americano, de um polo euro-asiático e de uma vasta rede não-alinhada, com grandes influências no concerto global.

Fundada em 1920, a Sociedade ou Liga das Nações significou a intenção de concertação a favor da manutenção da paz, desmilitarização e negociação de conflitos, em que o império britânico desempenhou o principal protagonismo, enquanto EUA, Itália, Alemanha, URSS e Japão se mantiveram total ou parcialmente ausentes. Foi durante a sua vigência e sobre os escombros do império Otomano que o mapa do Médio Oriente foi redesenhado incluindo o mandato sobre a Palestina.

A Organização das Nações Unidas, fundada em 1945, representou a renovada intenção de promover a cooperação internacional para a paz e o bem-estar e a prosperidade dos povos. É uma instituição fundamental que congrega os governos de todos os países do mundo. A ONU acomodou o desenvolvimento do movimento dos países não-alinhados e a queda dos impérios coloniais. Porém já não superou a continuada polarização do mundo entre campos Ocidental e Oriental em confronto, nem a persistência de focos regionais de tensão em todos os continentes.

Presentemente, ambições imperiais ou posicionamentos unilaterais - traduzidos em conflitos diplomáticos, financeiros ou comerciais, ou em agressões militares ou subversivas - multiplicam focos de tensão e morte e aproximam o risco de guerra em larga escala. Temos de estar atentos e intervenientes para contrariar esse curso de

acontecimentos. A ONU e outras instituições multilaterais terão de contribuir para desarmadilhar essas graves ameaças e criar um clima favorável ao diálogo e à Paz.

No presente quadro mundial, multipolar, a União Europeia, a Organização de Cooperação de Shangai ou a União Económica Euro-Asiática, estas e outras alianças regionais de vertente económica, e também expressa vertente de segurança e defesa, são protagonistas a quem é exigível o cumprimento da Carta das Nações Unidas e inaceitável a sua violação ostensiva ou encapotada. Neste quadro não têm lugar organizações cuja vocação é essencialmente o confronto e a intervenção militar, como é caso da OTAN, independentemente das motivações subjacentes.

Acresce que os riscos do confronto, em oposição à cooperação, vão evoluindo com o andamento das invenções técnicas. Existem actualmente inúmeros armamentos destrutivos, uma galeria de terror sem fim. A potência das bombas e o alcance dos mísseis já ultrapassam a escala da obra humana e do planeta Terra.

A larga maioria da humanidade vive hoje concentrada em áreas urbanas, por tal particularmente vulnerável a ataques convencionais ou nucleares. Mas agora também - em vista da vulnerabilidade das redes de infraestruturas - água e esgotos, electricidade e gás, telecomunicações, transportes públicos, distribuição de mercadorias - infraestruturas de que tais concentrações populacionais dependem vitalmente - vulnerável a insidiosos ataques de sabotagem exequíveis por silenciosa via cibernética.

Enquanto as populações em geral, as rurais também, estão todas elas vulneráveis a ataques de guerra biológica por via de agentes geneticamente modificados - sem antídoto ou remédio assegurado.

O problema da humanidade não está na falta de conhecimentos e meios de vida e de transformação do mundo, está antes nos fins para que o conhecimento é explorado e aplicado, quem o detém e para quê. Entre a Civilização e Barbárie, acreditamos e tomamos o partido da Paz, da concórdia, da concertação e cooperação, entre humanos e nações.

Rui Namorado Rosa